

INTRODUÇÃO

Frequentei a Universidade de Coimbra a partir de Outubro de 1967 e integrei desde essa altura a Secção Fotográfica da Associação Académica de Coimbra. No ano lectivo de 1968/69 passei a integrar a Direcção da referida Secção Fotográfica.

Esta Secção tinha uma vertente comercial, semelhante à das lojas de fotografia, com dois funcionários: um fotógrafo e uma senhora encarregada do expediente. Fazia todo o trabalho dito de amadores (venda e revelação de rolos, impressão de fotografias) mas também o profissional (fotografias tipo passe e de estúdio, reportagens em exclusivo das festas académicas, do futebol, etc.). Para além disto tinha uma vertente mais “artística”, à semelhança dos foto-clubes então existentes, facultando aos chamados ‘colaboradores’ a aquisição de material fotográfico mais barato, acções de formação, acesso a um estúdio e a dois laboratórios fotográficos devidamente equipados, organização de exposições, etc.

Em 1968 a Secção Fotográfica realizou a 1ª EIUFAC (Exposição Internacional Universitária de Fotografia da Academia de Coimbra), um grande salão de fotografia qua teve uma enorme adesão (nacional e não só) e foi visitada por inúmeras pessoas em geral, muito para além da comunidade universitária. Foi em grande medida esta exposição que me chamou para a Secção Fotográfica que passei a integrar após esse evento.

Nessa altura a Associação Académica era dirigida por uma Comissão Administrativa nomeada pelas autoridades no entanto, na maioria das Secções e Organismos Autónomos, os dirigentes, saídos dos grupos de estudantes que aí militavam, em nada se identificavam com a ideologia vigente e constituíam mesmo polos de resistência ao regime. Assim acontecia com a Secção Fotográfica onde um grupo de estudantes de engenharia liderados por José Manuel Torres Miguéns tomou, em 1966 ou 67, a liderança da Fotografia onde, sob o manto da arte, se procurava usar a fotografia como instrumento na divulgação e luta contra o fascismo.

A Secção tinha uma intensa dinâmica, não apenas na vertente formativa, através de cursos de iniciação ao processo fotográfico desde a tomada de vistas até ao tratamento em laboratório, mas também pela organização de pequenas exposições temáticas, excursões e outras acções de incentivo à prática da fotografia.

Quando em 1969 se inicia a Crise Académica a Secção Fotográfica teve um papel importante, não só pelo facto de dois dos seus dirigentes (José Miguéns e José Veloso) integrarem a lista candidata aos Corpos Gerentes da Associação que, nas eleições que se seguiram, saiu vencedora por uma esmagadora maioria, mas principalmente porque a partir da sua vertente comercial gerava receitas muito significativas para o equilíbrio financeiro da Associação.

Nos dias imediatamente anteriores ao 17 de Abril mobilizou-se a Secção Fotográfica para a jornada de luta que se sabia ir acontecer. Sentiu-se a necessidade imperiosa de registar em fotografia as movimentações estudantis que iriam ocorrer junto ao Edifício das Matemáticas no momento da sua inauguração porque dessa forma se poderia divulgar a luta académica que, era sabido, seria abafada pelos diversos órgãos do regime.

Na Secção Fotográfica havia, para além da Direcção, um grupo de 'colaboradores' devidamente habilitados para o trabalho que era previsto fazer e, pela primeira vez na história das Crises Académicas, constituiu-se um corpo de fotógrafos devidamente organizado para efectuar uma eficaz cobertura dos acontecimentos. Eram não mais do que uma dúzia de pessoas reunidas nos dias anteriores à acção, sendo que na madrugada de 17 de Abril nos encontramos na casa do José Miguéns e José Veloso para delinear a estratégia da cobertura, de forma a distribuir os vários elementos pelos locais de interesse. Coube-me fotografar livremente na Praça D. Dinis e logo que estivesse para chegar Américo Tomás, dirigir-me ao Hospital da Universidade (o velho Hospital) onde, numa varanda (perfeitamente coberto por um friso de enfermeiras), iria registar a entrada do Edifício das Matemáticas e as movimentações gerais. Não recordo já a localização dos restantes elementos mas, com a entrada mais ou menos desordenada no local onde decorria a cerimónia, houve algumas alterações. Sei no entanto que o José Miguéns esteve no interior da sala e o José Veloso na entrada da mesma.

Nessa noite foram revelados os rolos fotográficos batidos durante o dia e estava na câmara escura quando recebi a notícia da prisão pela PIDE de Alberto Martins. Ainda me deslocuei ao local mas não havia condições de luz que permitissem qualquer registo. Note-se, já agora, que, de toda a Crise, apenas existem fotografias dos acontecimentos diurnos. O que não significa a não existência de actividade nocturna mas apenas a incapacidade com os meios fotográficos da época em obter essas imagens.

A partir daqui manteve-se esta rotina: durante o dia fotografava-se e à noite fazia-se o trabalho laboratorial.

Todas as imagens eram assumidas pelo colectivo e portanto a sua autoria só pode ser atribuída à Secção Fotográfica da Associação Académica. Desde o início havia a intenção de divulgar através de exposições, em Associações e outras colectividades, os acontecimentos de Coimbra. Foram por isso realizadas duas exposições de fotografias no formato de 30x40 cm, para além de uma ou outra maior, que circularam pelo país. O último local onde estiveram expostas foi na Cooperativa Árvore do Porto onde se foram buscar em Julho de 1969. Perante as condições problemáticas que resultavam das investidas policiais e mais particularmente da PIDE, temendo o seu confisco ou destruição, à chegada a Coimbra, depositaram-se directamente na Biblioteca Geral da Universidade, onde ainda hoje podem ser consultadas.

Para além da actividade relacionada com a Secção Fotográfica sempre desenvolvi, em paralelo, a recolha independente de imagens, com material

pessoal e com finalidades de outra natureza. Enquanto as primeiras se destinavam a documentar as acções de luta que entendíamos ter a obrigação de divulgar, as segundas resultavam apenas dos meus interesses particulares ou de actividades em que estava envolvido e que não se relacionavam directamente com a Crise Académica. Permaneceram por isso no meu arquivo pessoal e são, em grande parte, inéditas. É essa colecção que aqui se apresenta.

FOTOGRAFIAS

Álbum “Crise de Coimbra”

Fotografias A e B – Duas imagens de Coimbra (Maio de 1968) que, quando recém chegado, me surpreenderam: O comboio a circular na rua rodeado de automóveis e a fachada de uma República (Ai-ó-linda).

Pasta 1- Eleições para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra (44 Fotografias): Propaganda das duas listas concorrentes- CR (Conselho das Repúblicas) e MRR (Movimento Renovação e Reforma); Filas para a votação e mesas de voto.

Pasta 2 – Dia 17 de Abril (13 Fotografias): Entrada do Edifício das Matemáticas e desfile militar; Convívio durante a tarde nos jardins da AAC.

Pasta 3 – Assembleia Magna que decretou o luto académico (12 Fotografias).

Pasta 4 – Convívio no Teatro da Faculdade de Letras (32 Fotografias).

Pasta 5 – Assembleia Magna que decretou a greve aos exames (25 Fotografias).

Pasta 6 – Início da Operação Balão e Final da Taça de Portugal (12 Fotografias).

Pasta 7 – Assembleia Magna no Teatro Académico de Gil Vicente – 1970 (12 Fotografias).

Pasta 8 – Comemoração em 1970, no dia 17 de Abril, do início da Crise (6 Fotografias).

Pasta 9 - Assembleia Magna - 12ABR1970 (23 Fotografias).